

PEDRO J. NUNES



Crônica do amor desperdiçado

Inventário de umas tardes
OU
ligeira coletânea de insultos
OU
não tocarei teu nome

ROMANCE

Pedro J. Nunes

Crônica do amor desperdiçado



Inventário de umas tardes
ou
Ligeira coletânea de insultos
ou
Não tocarei teu nome



Pedro J. Nunes

Crônica do amor desperdiçado



Inventário de umas tardes
ou
Ligeira coletânea de insultos
ou
Não tocarei teu nome

ROMANCE
2025

© Pedro J. Nunes
1ª edição - 2025

Capa e projeto gráfico: EdA.

Fotografias de Antonio Jorge de Oliveira Silva e Josana Aparecida Nunes Silva (Foto e Vídeo São Jorge, São José do Calçado, ES).

Revisão
Do autor

Nunes, Pedro J.

Crônica do amor desperdiçado: inventário de umas tardes ou ligeira coletânea de insultos ou não tocarei teu nome. - Vitória, ES, EdA, 2025. 166 p.; 21 cm. 1ª ed.

ISBN: 978-65-01-38801-4

1. Romance brasileiro. I. Título.



Diretos desta edição reservados a Pedro J. Nunes. A reprodução de qualquer parte desta obra, por qualquer meio, sem autorização do autor, constitui violação da Lei de Direitos Autorais - Lei 9.610/98. Registro autoral DA-2023-042840 - CBL.

*(...) isso é interminável, porque não existe,
porque a poesia está feita, digamos assim,
com o que nos falta, com o que não temos.*

Juan Carlos Onetti

I



1

Não foram poucas as vezes em que fiquei tentado a desistir desta crônica. Verdade seja dita, não foi uma indecisão fatigante, não resisti muito a uma ideia ou outra, ou seja, a de escrevê-la ou não. Mesmo quando estava me sentindo convencido a desistir, sabia que não desistiria. Não só porque tenho um temperamento inerte e pusilânime, mas porque ainda guardo certo rancor, e este venceria, não importa que desejo outro tivesse. É sempre assim com minha pobre cabeça. Desde pequeno matutava longamente as alternativas, embora já soubesse haver adotado uma delas. É uma espécie de perversidade comigo mesmo, autoflagelo, autofagia, consumição, sabe-se lá que nome se dê a isso. Se olhássemos de perto, talvez achássemos aí alguma patologia da alma, algum prazer obstinado em bater a cabeça entre vários pontos de decisão. Mas nesta altura da vida, não tenho, já que nunca tive, saco para investigar as causas de minhas falsas vacilações. Então não me resta senão pôr mãos à obra e escrever este relato.

Iniciar esta crônica acreditando que devia calar-me não seria um mal começo, não me alentasse outra crença:

a de que a inexatidão do relato de dias passados pudesse topar com uma brecha que te consumisse: inexistirias, já não seria necessário me esforçar com te eliminar de minhas obsessões. Ainda me percorre o sangue, traduzida em arrepios febris e inquietações ferozes, a possibilidade de tuas ancas outra e outra e outra vez, ainda me atordam tuas provocações e me enganam tuas promessas. Minhas mãos ainda sabem a cálida textura de teu muco que, escorrendo em meus dedos quando toquei a delicada fenda do alto de tuas coxas, depôs contra as mentiras de tua vacilação e da estupidez final numa tarde que se anunciava tão feliz e iluminada. Então, minha cara, tu existes, aí estás, e por ti se ilude minha alma tateando a libertação que não sei se desejo. É forte ainda tua memória neste tempo em que habito a senzala de teu corpo, e já não sei por quanto tempo permanecerá. Esta é tua história fundida à minha. Não nos livramos facilmente das labaredas se uma vez lamberam o mais profundo de nossos desejos ou nossas mais tolas aspirações.

Espreito, imaginários, teus olhos no canto da sombra - uma possibilidade - e minhas mãos estremecem. Meus desejos escavam o chão de meu ventre e vão da imaginação ao telefone perto dos olhos e das mãos. Uma navalha no sossego que me roubaste. O pasmo, o vento, a janela em frente, todos os enganos da memória, das imagens entrevistadas, da necessidade insuportável de ti incorporada em tudo que faço, vivo ou sinto - ou não sin-

to, ou não vivo, ou não faço - se convertem num evento que gostaria de saber improvável. A crônica desse tempo recente esfrega-me na cara de besta a inutilidade de escrevê-la e quase volto a pensar em desistir.

Há três dias tudo se precipitou. Não posso supor mais nada acerca dos sentimentos a teu redor, desacredito de minha capacidade para compreender tudo o que houve entre nós. Lamentavelmente, ainda não posso aceitar o conceito de erro, embora isso me transforme num pateta, e confesso e reconfesso: não passei de um renomado bocó. Tu, agora sei, embora ainda não me convença, febril do corpo e da alma como ainda me encontro, tu não passaste de uma espertalhona, agora, sim, sei que tramaste com paciência de malandra e que, detentora de teus poderes, tinhas certeza de triunfar. Esta possibilidade de compreensão ainda dói, porque tudo estava ali, ao nosso redor, ainda que agora se decomponha. Acreditava, e simulaste acreditar também, ser tudo tão simples que só dependesse de nossa vontade, tantas vezes sussurrada e prometida. Devia ser assim, mas isso é certo: não foi.

Devia empreender este relato como uma obstinada tentativa de resgate, uma longa busca da verdade, algo que nos justificasse, mas confesso, embasbacado, não possuir um só elemento que me dê a resposta desesperadamente buscada. Além do fato de estar envolvido, o que já representa enorme transtorno à clareza ou à poesia que este relato pudesse ter, não posso contar com

livre interpretação de ti, criar e recriar tua existência a bel-prazer, não és personagem em cuja cabeça possa penetrar e retirar de lá os caminhos fáceis tão típicos da ficção. Será o amálgama desta crônica um punhado de fúria e seus princípios. Conheço a virtude de evitá-la, negar seus excessos, sei que não deveria ter começado a dizer este punhado de asneiras, mas por que deveria poupar-te de minha versão do que aconteceu entre nós?

3

Esta crônica penosa deveria arrancar-te de minha pele: letras de adeus: quase morte, mas dizer-te adeus é mais forte que a morte e tudo que ela promete: o inferno católico, as mandíbulas de Cérbero, o sal de Gomorra, a lâmina de Abraão, a sarça de Moisés, o carvalho de Iscariotes. Eu teria consciência de dizer-te adeus, mas estarias sempre aí, desconcertante. A morte me livraria de ti? Eu, desfeitas as cadeias de células que só por milagre mantêm meu corpo funcionando, não teria consciência de nossa própria morte: a ausência em negro? Mas não, permaneces: ausência em branco. Pela letra e pela minha inércia, permaneces e permanecerás indefinidamente, porque aí estiveste sempre. Por isso comecei a dizer esta crônica, e dizê-la, com todos os elementos que a compõem, até o final, até que tudo se consuma, só não será um gozo completo porque não estou apenas eu no cerne desta história: aí estarás tu, indomável, incômoda, uma personagem cujos destinos não posso domesticar, porque nossa história, minha e tua, calcificada num pronome insistente e vexatório - nós -, já aconteceu e é imutável.

6

Quando chegaste, quando te vi pela primeira vez, eu citava Ezra Pound ⁽¹⁾. (A citação, claro, como todas as citações, servia-me de mote para um bocado de asneiras em sala de aula. Mas isso já não vem ao caso.) O que interessa aqui é que chegaste, atrasada e com o ar dissimulado de cadela molhada que nunca fizeste a menor intenção de ocultar. Esperei que fizesses teu espalhafato, olhando-te muda e fixamente. Essa é minha estratégia para os retardatários, mas só funciona com os novatos. Depois de cinco ou seis aulas chegando pontualmente, a impontualidade faz seu retorno triunfal na vida de meus

1 Quando te vi pela primeira vez, a reação foi de ódio, um ódio espumoso, como se tivesse contas a acertar contigo. Uma incômoda sensação de *déjà-vu* destilou-me uma gota de óleo fervente nas entranhas. Eu conhecia sua significação. Lembrei-me de que talvez te houvesse entrevisto no guichê, uns dias antes. Se se tratasse realmente de ti, apresentavas um documento para regularizar teu nome na ficha de matrícula, mas dei-te pouca atenção. A primeira vez que te vi, efetivamente, foi na sala de aula, nesse dia de que falo, no momento em que citava Ezra Pound: “Sim, meus filhos, vocês podem e devem ler tudo o que quiserem. Mas em vez de esperar que eu ou qualquer outro lhes diga o que há numa página, vocês devem aprender a ver por si próprios.” (POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. São Paulo: Cultrix, s/d. p. 74)

alunos. Quando terminei minha encenação boboca, te percebi melhor. E não pude evitar certo alvoroço, temendo que não pudesse contê-lo e chegasse a ser desvendado. Tu és bela, reconheci desde o início. Tua boca saliente, no formato de uma pequena flor, não se fecha o suficiente sobre os incisivos centrais, o que te acrescenta certa graça. Enrolaste teu cabelo frisado e abundante e o prendeste com muita agilidade no alto da cabeça. Tens as espáduas acolhedoras, teus seios de um tamanho generoso parecem jovens debaixo da camiseta branca. Teu peito arquejante se inflou numa última respiração profunda de quem diz aqui estou e me resigno. Suspeitei que tua maneira infantil de olhar e querer esclarecem que olhar e querer são a mesma coisa, embora não se saiba exatamente o quê. Gostaria de saber que teus olhos só mentem se estiverem fechados. E que, abertos, são uma porta escancarada e te trais todo o tempo. Mas nossa história começa exatamente nesse dilema cuja elucidação só viria no momento em que veio. Tinhas no ar de tédio uma pálida amostra de teu distanciamento de tudo. Parecias mimada e necessitada de um pai: tu eras a figura de uma órfã.

Desde o primeiro dia, ofereceste-me por semanas a fio o mesmo olhar indecifrável - ou, vá lá, decifrado, melhor me seria acreditá-lo indecifrável. Encontrava razões em ti para mentir a mim mesmo todo o tempo. A paixão, ainda que as mais ligeiras, subjuga a razão.

Me incomodaste, isto é inegável, nas horas insones das noites seguintes. No silêncio dos últimos cigarros, compunha-te uns sonetos cerebrais desavergonhados, úmidos, uns versos mentais que para o bem da humanidade dormiam e não acordavam comigo. Nessa época, tinha umas vertigens e um alheamento tais que me faziam crer estar enfermo. Principiava por suspeitar que ali estavas, todo o tempo, mas não vinhas totalmente.

Sabias, na sala de aula, fazer o jogo. Punhas no rosto um risinho insinuante e um ar de oferecida, me olhavas com a metade da boneca dos olhos, sabias que mesmo as gotículas de suor de teu sobrecenho me encabulavam. Quando eu parecia te descobrir, mordias o lápis com teus dentes grandes. Era como se disseses sim. E assim foi, até que, após o fim de uma de minhas aulas, vieste afinal falar comigo.

FIM DA AMOSTRA